

O ESPAÇO DA MEMÓRIA
EM CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

MARIA EUGÊNIA DIAS DE OLIVEIRA *

RESUMO

O texto pretende abordar a poesia memorialística de Carlos Drummond de Andrade como apropriação de um tempo e de um espaço originais e originários da auto-apreensão do sujeito.

* Professora de Estética do Departamento de Filosofia da FAFICH/UFMG. Este trabalho foi originalmente apresentado no curso «Memorialismo e Autobiografia» (Doutorado — 2º semestre de 1987 — UFMG), ministrado pelo Prof. Dr. Wander Melo Miranda.

1. Os moldes da percepção: o eu e o mundo

O tempo é a característica narrativa central no relato autobiográfico ou memorialístico. A descrição de uma vida situa-se no tempo da história como sucessão cronológica de eventos susceptíveis de serem datados com maior ou menor rigor. Mas a característica específica da rememoração é o registro subjetivo do tempo vivido: o devir cronológico define-se, então, a partir de experiências pessoais e de impressões do sujeito da enunciação.

Também o espaço desempenha importante papel nesse tipo de narrativa. Não se trata simplesmente do espaço exterior, cenário físico em que se desenvolvem os acontecimentos. A este tipo de espaço sobrepõe-se o filtro da experiência subjetiva: tempo e espaço articulam-se no palco da rememoração. Reencontrar o tempo perdido significa, na maioria das vezes, percorrer um espaço que subsiste apenas na memória. A descrição de ambientes e objetos compõe um sistema de signos, suporte para o reencontro das impressões e sentimentos do tempo da lembrança.

Qual o significado do tempo e do espaço na percepção que o homem tem do mundo e de si próprio?

Kant definiu tempo e espaço como condições preliminares do conhecimento humano. Sensibilidade e entendimento dão origem ao conhecimento. A sensibilidade permite ao homem ter acesso ao mundo externo, o entendimento pensa os dados fornecidos pela sensibilidade.

Só é possível ao homem o conhecimento do fenômeno. O fenômeno é o dado da sensibilidade enformado pelo entendimento. A matéria do fenômeno corresponde pois à sensação; sua forma é dada pelo tempo e pelo espaço, intuições puras *a priori*, condição de possibilidade para que o dado proveniente da experiência possa ser pensado.

O *antes* determina causalmente o *depois* e a consciência das determinações causais surge como condição básica da percepção do homem inserido no mundo entre as outras coisas fora dele. "É lei necessária de nossa sensibilidade e, portanto, condição de todas as percepções que o tempo precedente determine necessariamente o seqüente".¹ "A consciência do tempo está necessariamente ligada à existência das coisas fora de mim como condições de determinação temporal, isto é, a consciência de minha própria existência é simultaneamente a consciência imediata de outras coisas fora de mim".²

A fenomenologia e o existencialismo também deslocaram o problema do tempo para o âmbito das estruturas da subjetividade.

Para Husserl, "o eu livre é livre enquanto eu-passado. Com efeito, o passado me determina e por isso determina também o meu futuro, mas o futuro, por sua vez, 'liberta' o passado... Minha temporalidade é minha liberdade, e de minha liberdade depende o fato de que o meu ser devindo me determina, sim, mas jamais completamente porque, numa contínua síntese com o futuro, só deste último recebe ele o seu conteúdo".³

O existencialismo baseou sobre o conceito de tempo as suas discussões a respeito da possibilidade, do projeto e da liberdade. O tempo surge como estrutura de possibilidade, como o vetor do movimento em direção ao futuro que se organiza a partir do passado. O tempo passado traz consigo as opções feitas, cristalizadas na escolha de um modo de ser, e molda a liberdade de projetar o futuro através de sua conservação ou superação. As condições da liberdade humana coordenam-se a partir das três formas do tempo: passado, presente, futuro.

Heidegger atribui também ao espaço um estatuto existencial: a espacialidade da existência deve ser entendida a partir da própria existência. A existência é a essência do homem: o homem consiste em seu existir. A existência apresenta-se como um "estar no mundo", o que significa uma forma de presença do existente entre

as outras coisas no mundo, como uma delas. O “estar no mundo” é um momento ontológico da própria existência.

O mundo não é um ente que contenha outro ente: o existente. O mundo é, junto com o ente que existe, uma unidade radical, característica da existência enquanto existência. O existente encontra-se no mundo em situações. O ser da existência não é um elemento estático, é um “vir a ser”, um “poder ser”. A temporalidade é o fundamento da historicidade da existência humana. Na historicidade da existência descobre-se a sua estrutura: o homem é um “ser para a morte”. A existência realiza-se em um futuro em que se projeta e para o qual se move. A temporalidade resume a possibilidade de seu “ser” e indica o seu sentido como fundamento do ser da existência: o homem é um “ser para”; a percepção desta incompletude radical faz dele um ser que tem o “cuidado” da existência. E este “cuidado” conduz à transcendência da situação e à pergunta sobre o ser”⁴

Sartre afirma: “Eu sou o meu futuro, na contínua perspectiva da possibilidade de não sê-lo. Daí a angústia... que provém do fato de eu não ser suficientemente aquele futuro que devo ser e que dá sentido ao meu presente; sou um ser cujo sentido é sempre problemático”.

Ainda, “o passado é a totalidade sempre presente do em-si que somos”. Ao procurar escolher, não posso deixar de ser o meu passado; minhas possibilidades futuras surgem das decisões assumidas no passado, ponto de partida de minhas virtualidades.⁵

No texto autobiográfico o autor busca unificar a percepção de si mesmo recompondo o itinerário de sua existência. A descrição dos fatos faz-se na perspectiva do sujeito, as instâncias objetiva e subjetiva dissolvem-se na trama da narrativa.

Afonso Arinos afirma a esse respeito:

... O que é peculiar ao gênero literário das memórias é que a reconquista do vivido não é somente um trabalho de restauração, mas sobretudo um esforço de renovação. Ao narrar tão fielmente quanto puder o que fez, viu, sentiu na vida, o homem observa os acontecimentos e as pessoas com a inteligência e a sensibilidade que são dele, no momento em que escreve e não aquelas que eram suas, nos momentos que procura arrancar do olvido. Em tais

condições, a apresentação dos fatos passados incute-lhes, sem dúvida, um sentido renovado, ou, pelo menos, extrai deles um conteúdo vital, que podia não ser identificável, quando ocorriam.⁶

Em vista desses dados iniciais, tentaremos estabelecer uma correlação entre os conceitos de tempo e espaço como condições de organização da percepção humana e a poesia de Drummond de cunho nitidamente confessional, contida nos três livros designados *Boitempo* I, II e III.⁷

Antonio Candido identifica em *Boitempo* e *Menino antigo* um propósito autobiográfico explícito.⁸ Estes livros, diferentemente da outra produção poética de Drummond, reúnem apenas poemas de memórias: casos, cenas, emoções organizam-se em torno do emissor, testemunha dos acontecimentos, nitidamente identificável com o autor.

O mundo é descrito como espetáculo, o autor inclui-se dentro do mundo da descrição. Sujeito e objeto fundem-se em um todo coerente. A instância objetiva — o mundo — é dada ao leitor a partir do sujeito. O sujeito surge de sua integração com o mundo, resulta da história da terra, do clã e da família, define-se a partir das circunstâncias sociais e da percepção das coisas em seu derredor.

Para Antonio Candido, nesses livros de memória, Drummond afasta-se do individualismo exacerbado em favor de uma maior objetividade. O discurso evita uma maior polissemia poética em função de uma referencialidade circunscrita à descrição da realidade.

A generalização do dado particular é operada pelo narrador através do afastamento do *eu* presente. A descrição da lembrança dos ancestrais, da infância, da adolescência e da mocidade é feita quando já decorreu um grande período de tempo. Surgem como lembranças prontas, acabadas, remotas: a distância no tempo reforça a impressão de objetividade.

Em sua descrição memorialística Drummond emprega indiferentemente a primeira e a terceira pessoas (“eu”/“o menino antigo”). O narrador poético deixa apenas pressuposta a identidade entre “eu” e “ele”, passa-se continuamente de focalizações internas a focalizações externas, o que torna possível ao leitor ver a realidade descrita simultaneamente de dentro e de longe.

A característica singular da memorialística de Drummond é a identidade entre sujeito e objeto, ou seja, a descrição do “sujeito como criação”, surgido da revisitação do passado e do reencontro com os objetos ancestrais.

2. A casa e o espaço da memória em Drummond

Em seus textos memorialísticos, Drummond evoca os três modos ou formas do tempo: passado, presente e futuro. A memória recupera e apreende o passado, a inteligência julga e age no presente como antecipação previdente do futuro. As faculdades psicológicas — memória, inteligência e previdência — coordenam-se sob a noção de prudência, que consiste na “recordação do passado, na ordenação do presente, na meditação do futuro”.

O texto drummondiano exerceria nesse sentido uma função presente à obra memorialística em geral: encarnaria a dimensão paradigmática do “conselho sábio”: a consideração do passado fornece os precedentes do problema proposto pelo presente e prevê as conseqüências no futuro.⁹

Há, ao longo dos diversos poemas, a evocação da dialética da lembrança e do esquecimento. É possível rememorar o passado pela anulação do presente: o tempo surge então como síntese contínua de suas três formas: “O menino pensativo / junto à água da Penha / mira o futuro / ... Seu olhar parado é pleno / de coisas que passam / antes de passar / e ressuscitam / no tempo duplo / da exumação”.¹⁰

Exumar, “tirar do esquecimento” é lembrar o esquecido, neutralizar o presente e presentificar o passado. É também ver a contínua dimensão da existência, que propende para o futuro: “... poder de sentir, mais que o vivido / o que pudera ter sido, / o que é, sem jamais ser”.¹¹

Drummond permeia todo o texto de paratextos, indicadores de uma ‘leitura’ memorialística. O fluir do tempo e a lembrança estão presentes nos títulos dos livros — “Boitempo”, “Menino antigo”, “Esquecer para lembrar” — nos intertítulos como “Caminhar de costas”, “Pretérito mais que perfeito”, “Notícias do clã”. No início de cada um dos três livros, a temática da memória/esquecimento é abordada sob a forma de evocação do conteúdo a ser desenvolvido: “(In)Memória”, “Documentário” e “Intimação” prefiguram para o leitor o caminho a ser percorrido.

Já afirmamos que o texto drummondiano exerce a função do “conselho sábio”, de meditação sobre o sentido do tempo. A propósito conviria atentar para alguns versos de “Documentário”:

No Hotel dos Viajantes se hospeda / incógnito. / Já não é
ele, é um mais-tarde / sem direito de usar a semelhança. /
Não sai para rever, sai para ver / o tempo futuro / que
secou as esponjeiras / e ergueu pirâmides de ferro em pó /
onde uma serra, um clã, um menino / literalmente desapare-
ceram / e surgem equipamentos eletrônicos... / ...A
nova humanidade deslizando / isenta de raízes...

As memórias de Drummond obedecem a uma perspectiva dialética que vai do particular ao universal: descrevem-se a vida “deste menino”, de Itabira, de Minas, do homem desta época.

Buscam-se as raízes do tempo fundador. Parte-se no “caminhar de costas”, em busca do “pretérito mais que perfeito” dos “bens de raiz”.¹² Desde os marcos fundamentais na história da sociedade e do grupo — a Regência, a Proclamação da República, os Coronéis, as celebrações religiosas, as irmandades, etc. — o passado é reencontrado na Fazenda dos Três Vinténs, nas notícias da família, na vida do meio rural.

Ao tempo “mais que perfeito” segue-se o “repertório urbano: Itabira, a vida paroquial, a casa ancestral com os seus objetos e utensílios, as primeiras percepções do mundo adulto: a experiência do amor e da sexualidade. À trajetória da meninice somam-se a experiência do colégio em Belo Horizonte, a decepção no colégio de Friburgo e as experiências da mocidade. O período compreendido pelos três livros de memórias deve cobrir aproximadamente até 1920 ou 1923 (o poeta nasceu em 1902) e demarca claramente uma parte da vida do autor vista (ou revista) em uma fase madura de sua vida, uma vez que a publicação do primeiro livro só se deu em 1968.

O tecido da memória em Drummond constitui-se através da espacialização do tempo: cada objeto revisitado pela lembrança obedece a uma curiosa cronologia topológica. O tempo da primeira infância, da vida na fazenda, é o “boitempo”:

Entardece na roça / de modo diferente. / A sombra vem
nos cascos, / nos mugidos da vaca / separada da cria. /
O gado é que anoitece / ...No gado é que dormimos / e

nele acordamos. / Amanhece na roça / de modo diferente. / A luz chega no leite, / morno esguicho das tetas / e o dia é um pasto azul / que o gado reconquista.¹³

A atividade rural é permeada de 'marcas' próprias que delimitam o ritmo e a apreensão da vida. O tempo é "boitempo", o percurso da memória invade o espaço em busca de seus habitantes.

Tempo e espaço constituem-se a partir de uma imbricada cronologia topológica e situam no passado as razões de ser e as determinações do presente. O autor percorre a sua história através da descrição de objetos e situações. Cada momento descrito inscreve dentro de si os momentos anteriores e deles desentranha as razões profundas.

A retomada do tempo originário é feita através de sucessivos enquadramentos complementares. Não há linearidade na descrição: cada poema acresce e expande a visualização de um universo já-explorado: "De cacos, de buracos / de hiatos e de vácuos / de elipses, psius / faz-se, desfaz-se, faz-se / uma incorporada face, / resumo do existido".¹⁴

O poema "Casa sem raiz", texto incluído em "Mocidade solta", no livro *Esquecer para lembrar*, parece-nos um exemplo perfeito da relação tempo/espaço e da interdependência entre passado, presente e futuro na poesia drummondiana. O poema descreve o período em que o autor vem residir em Belo Horizonte. Constitui-se como um convite à criptografia: deparamo-nos com uma espécie de palimpsesto sob o qual está presente a descrição de um tempo/espaço originários.

A "casa sem raiz" é o "vazio biográfico": não mais a casa, apenas *uma* casa. Não há aqui qualquer sinal da genealogia: os ancestrais foram substituídos por um presente indiferenciado. Somos os "numerais moradores" de uma cidade qualquer.

Perdeu-se o invólucro das lembranças queridas: a esse espaço falta a densidade da vivência, a memória dos fatos ocorridos. Não se trata mais daquela casa, a casa da infância, sedimento primeiro de percepções paradigmáticas e inesquecíveis, a casa que só pode ser descrita como um imperativo para a ação, a receita do lar.¹⁵

Heidegger estabelece uma estreita correlação entre construir, habitar e ser. O termo alemão *bauen* (construir) significa, em suas raízes etimológicas — *buan*, *bhu*, *beo* — habitar. Estas raízes deram também origem ao *bin* (sou) do verbo *sein* (ser), nas formas

do presente do indicativo: *ich bin, du bist* (eu sou, tu és). A habitação liga-se ao ser do homem. “Eu sou, tu és” significa “eu habito, tu habitas”. O modo pelo qual eu sou, que nós, homens, somos sobre a terra é o *buan*, a habitação.¹⁶

“Habitar” é “ocupar a residência”, “viver em” algum lugar. É situar-se a partir do “hábito”, da “disposição duradoura adquirida pela repetição constante de um costume”. A nova casa urbana exige o hábito como condição de sua ocupação. É preciso preenchê-la pela lembrança do vivido, pelo espaço da memória.

O conforto urbano, o material ‘nobre’ da escada não são identificados senão como carência, substitutivos sem identidade do que foi outrora “os tambores do clã”. A identidade desapareceu frente à uniformização urbana, o conforto e a técnica emitem “um timbre sem história”.

A nova casa — a casa urbana — é invadida pelo tempo/espaço da lembrança. Define-se pela negação e pela ausência. *Não* é o repositório das sensações, das emoções, dos cheiros, dos sabores, dos pecados, signos da infância. E já não é “azul 1911”. Faltam-lhe todos os atributos da casa ancestral. “Falto, menino eu, peça da casa.”

Sob a vivência atual inscreve-se a experiência *da* casa, a primeira casa, moldura das percepções primordiais. Sob o texto da poesia inscrevem-se outros textos: a descrição do presente é o sumário das percepções passadas.¹⁷

A percepção do fluir do tempo, da infância definitivamente deixada para trás identificou-se ao reconhecimento de um espaço estranho onde “a casa não é mais... suposta habitação de um eu moderno”.

Mas a condição de possibilidade da reconstrução mnemônica desse tempo pretérito é a mocidade que resultou dele. A lembrança revestiu-se de uma simbologia paradigmática, transformou-se em elemento definidor do sujeito da rememoração, criou o seu território próprio e o seu modo de ser. A juventude definiu-se a partir das experiências do passado: “...tão estranho adolecer com alma antiga, carregar as coisas que não se deixam carregar...”. O sujeito resulta da totalidade dos seus “em si” e sua liberdade objetiva-se na percepção disso: “A indelével casa me habitando, impondo a sua lei de defesa contra o tempo...”.

Não mais se distinguem sujeito da percepção e objeto perce-

bido: o sujeito percebe-se como a somatória de sua experiência de vida reorganizada através da lembrança. Apropria-se das 'marcas' do passado como partes dele mesmo: "...Sou o corredor, sou o telhado / sobre a estrebaria sem cavalos mas nitrindo / à espera do embornal".

A casa urbana convida à exumação da casa da fazenda, da casa itabirana, repositórios de um tempo/espaço subsistente no próprio sujeito. Retoma-se aqui a dialética entre passado, presente e futuro. O jovem poeta percebe-se como o seu passado, que se define por oposição ao presente. Os objetos ausentes a essa casa da juventude compõem a dimensão presente do poeta. A frase com que fecha o poema introduz a nova dimensão: o futuro. Até que ponto a casa urbana, tão carente dos signos arquetípicos da infância do poeta, não se configura como um novo modo de ser: "Rua Silva Jardim, ou silvo em mim?"

Em Drummond o processo de retomada do passado refaz-se a cada novo poema. A última parte de *Esquecer para lembrar* relata a juventude evocando idealizações permeadas de ternura. Descreve-se Belo Horizonte na década de 20 na perspectiva idílica do tempo/espaço da juventude.

É justamente nesse aspecto que se poderia discutir o papel exercido pelo texto memorialístico. Até que ponto interessa descobrir nele alguma característica de referencialidade? Mais fácil é discernir aquilo que nos dá prazer na leitura, ou seja, a fronteira estreita entre a fantasia e a realidade estabelecida nesse espaço literário. Proust expõe a questão de modo que nos parece definitivo:

As imagens escolhidas pela recordação são tão arbitrárias, tão estreitas, tão inacessíveis, como as que formara a imaginação e a realidade destruiu. Não há razão para que, fora de nós, um local verdadeiro possua antes os quadros da memória do que os do sonho.¹⁸

NOTAS

1. KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Analítica dos princípios, cap. II, 3ª parte. Trad. de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo, Abril, 1980. p. 133.
2. Id. *ib.* p. 146.
3. BRAND, Gerd. *Mondo, Io e Tempo nei manoscritti inediti di Husserl*. Milano, Bompiani, 1960.
4. Cf. HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. 9. Auflage. Tuebingen, M. Niemeyer, 1960.
5. SARTRE, Jean-Paul. *L'Être et le Néant*. Paris, Gallimard, 1943.
6. MELO FRANCO, Afonso Arinos. *A Alma do Tempo*. Rio de Janeiro, Brasilia, José Olympio, INL, 1979.
7. DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Boitempo & A falta que ama*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968. *Menino Antigo (Boitempo II)*. Rio de Janeiro, Brasilia, José Olympio, INL, 1974. *Esquecer para lembrar (Boitempo III)*. Rio de Janeiro, 1979. As citações serão feitas pelas siglas BO (*Boitempo*), MA (*Menino antigo*) e EPL (*Esquecer para lembrar*), respectivamente, e pelo número da página, entre parênteses.
8. CANDIDO, Antonio. A autobiografia poética e ficcional na literatura de Minas. In ———, et alii. *IV Seminário de Estudos Mineiros*. Belo Horizonte, Imprensa Universitária da UFMG, 1977.
9. Cf. BERTHOBIUS, Petrus. *Repertorium Morale. Metamorphosis Ovidiana moraliter . . . explanata*. Paris, 1511. Apud PANOFFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. Trad. Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo, Perspectiva, 1976.
10. Memória prévia. MA (111)
11. O lado de fora. EPL (139)
12. «Caminhar de costas», «Pretérito mais que perfeito» e «Bens de raiz» são as designações empregadas por Drummond para nomear as primeiras partes de BO, MA e EPL.
13. Boitempo. BO (59)
14. (In)Memoria. BO (07)
15. A casa ancestral é o imperativo do modo de ser exemplar. Esta «receita de casa» está subentendida no texto de «Casa sem raiz», que se define como a negação e falta dessa «indelével casa» que habita a memória do poeta.
16. HEIDEGGER, Martin. *Bâtir, habiter, penser. Essais et Conférences*. Trad. André Préau. Paris, Gallimard, 1958.

17. Cf. Três garrafas de cristal. BO (102), Três compoteiras. MA (101), Banho de bacia. MA (105), O licreiro. EPL (25), Pesquisa. EPL (24), Chegada. EPL (33-4), O visitante inábil. EPL (50).
18. PROUST, Marcel. *Sodoma e Gomorra. Em busca do tempo perdido IV*. Trad. Mário Quintana. 2ª ed. Porto Alegre, Globo, 1964.